

**A UNIVERSIDADE DA
COMPANHIA DE JESUS À LUZ
DO CARISMA INACIANO***

Pe. Peter-Hans Kolvenbach

Introdução

I. Com muito prazer saúdo a todos os senhores, jesuítas, leigos e leigas responsáveis pela educação superior da Companhia em todo o mundo, e dou-lhes as boas-vindas a Roma. Agradeço-lhes terem encontrado tempo, entre seus tantos afazeres, para vir a este encontro. Quero expressar-lhes minha estima por seu compromisso e sua entrega ao serviço da missão da Companhia no campo da educação em seus diferentes países.

2. A última vez que me dirigi a uma assembléia como esta foi em Frascati, em 1985. Em

* Pronunciamento do Pe. Peter-Hans Kolvenbach, SJ, superior geral da Companhia de Jesus, na reunião internacional de Reitores/Presidentes de universidades da Companhia de Jesus, realizada em Roma, em 27 de maio de 2001. Este texto foi publicado pela Edições Loyola no documento *O serviço da fé a promoção a justiça na educação superior*, ano 2001.

apenas dezesseis anos, ocorreram acontecimentos que mudaram a face do mundo. As universidades da Companhia desenvolveram, durante este período, uma profunda reflexão e empreenderam ações para responder aos desafios dos novos tempos. Esta reunião em Roma é uma nova oportunidade de contato entre o corpo e a cabeça da Companhia para discernir os sinais dos tempos e tratar de descobrir juntos o que o Senhor quer de nós.

3. Nesta alocução, pretendo comentar, à luz do carisma fundacional de Inácio de Loyola, os temas que os senhores escolheram para este encontro, bem como oferecer alguns elementos que possam ajudá-los em seu processo de reflexão. Dou-me conta de que os senhores representam instituições com as mais diversas características. Por isso, ao referir-me indistintamente às universidades ou à educação superior, cada um deverá fazer as devidas adaptações à sua situação particular.

1. Um ministério instruído

A. Estudo e auxílio às almas

4. Os laços que unem a Companhia de Jesus e o mundo universitário datam do tempo em que Inácio e os primeiros companheiros se encontraram na Universidade de Paris. Foi lá que Inácio recrutou seus primeiros seguidores, estudantes leigos em sua grande maioria. Entretanto, a universidade não foi, de início, considerada pelos jesuítas um instrumento especial de apostolado. O compromisso ativo com a educação na vida de Inácio, em particular com a educação superior e com a educação dos externos, é muito mais tardio.

5. É necessário remontar ao carisma fundacional de Inácio para entender cabalmente a evolução da Companhia em seu compromisso educativo e para reencontrar o sentido da educação jesuítica hoje. Mas em vão buscaríamos este carisma na pessoa de Inácio. Sua educação se dá fora da universidade. É um nobre da espada, não da pena. Depois da derrota militar de Pamplona, o Senhor entra em sua existência de enfermo “da mesma maneira que um professor trata um menino”, dirá

Inácio mais tarde, “ensinando-o”¹. Depois dessa experiência mística, seguem três anos de anticultura humana, até uma nova derrota: seu projeto apostólico de seguir os passos de Jesus na Palestina fracassa, apesar de estar convencido de que o Senhor o queria na Terra Santa. Sem saber o que fazer, deixa-se levar por sua inclinação a “estudar por algum tempo”². Voltando-se para o lado a que se inclina a razão, deixa-se levar por essa forte moção mais que pela dos sentidos³, e começa a freqüentar as universidades — Alcalá, Salamanca, Paris — para proteger-se também da Inquisição, que desconfiava dos movimentos carismáticos, mas reconhecia a importância social de um diploma universitário.

6. A Companhia nasce no meio universitário, mas não para fundar universidades e colégios. As Constituições de 1541 ainda impõem uma proibição: “nem estudos, nem lições na Companhia”⁴. Para a formação e educação dos jesuítas, a Companhia, no início, se contenta em aproveitar passivamente as estruturas universitárias então existentes, como as de Coimbra, Pádua, Lovaina e Colônia. Somente em 1548, oito anos antes da morte de Inácio, o compromisso muda de passivo para ativo. Mais ainda, ultra-ativo. No ritmo, às vezes, de quatro ou cinco colégios novos por ano, com freqüência sem as preparações acadêmica, profissional e financeira indispensáveis, a Companhia funda instituições educativas tanto para a formação dos estudantes jesuítas como para a educação dos “externos”.

B. A opção da Companhia pela educação

7. Os “presbíteros de Cristo livremente pobres”, como são reconhecidos os primeiros companheiros⁵, haviam optado por um ministério “letrado”. A razão por que a Companhia abraça colégios e universidades é “procurar os graus de instrução e o modo de utilizá-los para ajudar a melhor conhecer e

1. *Autob.* 27.

2. *Ibidem* 50.

3. EE 182.

4. MI Const. I, 47.

5. Cf. Bula de aprovação, 1540.

servir a Deus, nosso Criador e Senhor”⁶. Inácio intuiu o formidável potencial apostólico que encerrava a educação e não vacilou em privilegiá-lo de preferência a outros “ministérios comuns”. A Companhia dos últimos anos de Inácio se transformara radicalmente. Na época da morte de Inácio, passam de trinta os “colégios” estáveis da Companhia, ao passo que as casas professoras, concebidas como a residência clássica da Companhia itinerante, não são mais que duas. Evidentemente, a Companhia tomara “outro rumo”⁷.

8. Tantas mudanças de rumo em poucos anos não teriam desfigurado a imagem inicial de uma Companhia peregrina e pobre? Uma vez mais, é preciso voltar ao carisma fundacional. Se Santo Inácio introduziu o novo ministério do ensino em seu projeto apostólico, foi “movido pelo desejo de servir” a sua Divina Majestade⁸, como uma nova “oblação de maior valor e importância”⁹. O compromisso da Companhia com o que hoje chamamos de “apostolado intelectual” foi uma consequência do MAGIS, o resultado da busca de um maior serviço apostólico por meio da inserção no mundo da cultura.

9. A opção por um ministério instruído e a incursão da Companhia no campo da educação mudou, de fato, a face da primitiva Companhia. A pobreza, a gratuidade dos ministérios, a mobilidade apostólica, o destino do pessoal, o próprio governo da instituição foram afetados, ao ingressar a Companhia na educação e a educação na Companhia. Para alguns, ela se aventurou num terreno minado. Gioseffo Cortesono, reitor do Colégio Germânico em Roma de 1564 a 1569, escrevia com toda a franqueza: “assumir tantos colégios é a ruína da Companhia”¹⁰. Porém, o que levou a Companhia a este campo — e a nele se manter — foi e segue sendo puramente o desejo da “maior glória e serviço de Deus nosso Senhor

6. Const. [307].

7. Const. [308].

8. Const. [540].

9. EE 97.

10. M Paed. II. Cf. O’MALLEY, John W., *Os primeiros jesuítas*, Madri, Mensajero/Sal Terrae, 1993, 281.

e bem universal, que é o único fim que se pretende nesta e em todas as outras coisas”¹¹. Para a Companhia, não há disjunção entre Deus *ou* o mundo, por mais corrompido que este pareça. O encontro com Deus se realiza sempre *no* mundo, para levar o mundo a ser plenamente *em* Deus¹².

C. Os objetivos da educação superior

10. Se nos perguntarmos agora por que entrou a Companhia no campo da educação superior, não encontraríamos a razão na pessoa de Inácio, mas em sua missão, em sua disponibilidade apostólica para assumir qualquer ministério exigido pela missão. Será necessário esperar até fins do século XVI para que, depois de uma bem elaborada pesquisa de opinião, o jesuíta espanhol Diego de Ledesma nos apresente as quatro razões pelas quais a Companhia se dedica à educação superior¹³. Chama a atenção encontrar, hoje, nas declarações de missão ou nas cartas institucionais de muitas universidades da Companhia, as mesmas características enumeradas por Ledesma há 400 anos, atualizadas de acordo com a situação e o modo de pensar de nossos tempos e traduzidas em linguagem moderna. Tomemos as razões de Ledesma e comparemo-las com a declaração de um *College* dos Estados Unidos, publicada em novembro de 1998.

11. O primeiro motivo de Ledesma é “facilitar aos estudantes os meios de que necessitam para conduzir sua vida”. Quatro séculos mais tarde, se expressa da seguinte maneira: “a educação jesuíta é eminentemente prática e pretende proporcionar aos estudantes o conhecimento e as destrezas necessárias para que sobressaiam em qualquer campo que escolham”. Em outras palavras, a excelência acadêmica. A segunda razão que propõe Ledesma é “contribuir para um justo governo dos assuntos públicos”. Esta breve frase se converte, em 1998, no seguinte: “a educação jesuíta não é meramente prática, mas diz respeito à questão dos valores, educando homens e mulheres

11. Const. [508].

12. CG 34, d. 4, n.º 7.

13. M Paed. II, 528-529.

para que cheguem a ser bons cidadãos e bons dirigentes, preocupados com o bem comum e capazes de colocar sua educação a serviço da fé e da promoção da justiça”.

12. Em sua linguagem barroca, Ledesma formula a terceira dimensão da educação superior da Companhia: “dar ornato, esplendor e perfeição à natureza racional do ser humano”. Com sobriedade, mas na mesma linha, o Colégio americano declara: “a educação jesuíta enaltece as enormes potencialidades e as conquistas do intelecto humano e afirma sua confiança na razão, não em oposição à fé, mas como seu complemento necessário”. Por último, Ledesma frisa que toda a educação superior se encaminha para Deus, como “baluarte da religião que conduz o homem com mais facilidade e segurança ao cumprimento de seu último fim”. Em linguagem um pouco mais inclusiva e atitude mais dialogal, a versão moderna desta declaração sustenta que “a educação jesuíta enfoca claramente todo o seu trabalho na perspectiva cristã da pessoa humana como criatura de Deus, cujo último destino está além do humano”.

13. Inácio e os primeiros jesuítas viram nas letras e nas ciências um meio de servir às almas. Para a mentalidade moderna, em que ciência e fé parecem percorrer vias paralelas, tal atitude pode parecer hoje não respeitar a essência de uma universidade e a metodologia própria da investigação acadêmica. Longe de nós a pre-tensão de converter a universidade em mero instrumento de evangelização ou, pior ainda, de proselitismo. A universidade tem suas próprias finalidades que não podem ser subordinadas a outros objetivos. É preciso respeitar a autonomia institucional, a liberdade acadêmica, e salvaguardar os direitos da pessoa e da comunidade segundo as exigências da verdade e do bem comum¹⁴. Mas uma universidade da Companhia persegue outros objetivos além daqueles óbvios da própria instituição. Em uma universidade católica ou de inspiração cristã, sob a responsabilidade da Companhia de Jesus, não existe — não pode existir — incompatibilidade entre as finalidades próprias da universidade e a inspiração cristã e inaciana que deve caracterizar toda instituição apostólica da

14. JOÃO PAULO II, *Ex Corde Ecclesiae* (1990), 12.

Companhia. Crer o contrário ou atuar na prática como se fosse preciso optar entre ser universidade ou ser da Companhia seria cair em um lamentável reducionismo.

14. Em um mundo no qual em algumas regiões a secularização e a descristianização ganham cada vez mais terreno, enquanto em outras o cristianismo é praticamente irrelevante, o tema da identidade de nossas universidades e da visibilidade de tal identidade saltou para o primeiro plano. Posso dizer que jamais, como nestes últimos anos, as universidades da Companhia demonstraram tanta preocupação em aprofundar e manifestar sua identidade católica, cristã, jesuíta ou inaciana, conforme o caso. De acordo com o próprio contexto cultural e eclesial, vive-se em certas partes esta preocupação sem muita dificuldade, enquanto em outras não faltam tensões e mal-entendidos. Com “fidelidade criativa” ao carisma de Inácio e à missão da Companhia, estou certo de que a educação superior da Companhia saberá encontrar caminhos para superar as tensões e continuar “anunciando-se” em seu serviço à Igreja e ao mundo.

15. Incidiríamos em anacronismo histórico se entendêssemos hoje literalmente o “estudo” e o “auxílio às almas” como os entenderam Inácio e os primeiros companheiros. Contudo, em continuidade ao carisma inaciano, é necessário perguntar como realizar e manter o equilíbrio entre a dimensão acadêmica e a dimensão apostólica de toda instituição de educação superior da Companhia. Numa transposição moderna da problemática de tempos passados, questionamo-nos hoje de que modo respeitar o substantivo “universidade” e os adjetivos “católico”, “cristão” ou “inaciano” de nossas instituições; como reconhecer a autonomia das realidades terrestres e, ao mesmo tempo, a referência de todas as coisas ao Criador; como ligar o “serviço da fé” à “promoção da justiça”; como voar em busca da verdade com ambas as asas, da fé e da razão.

D. O compromisso da Companhia com o trabalho intelectual

16. Prosseguindo, destacamos alguns traços específicos da concepção de Inácio sobre a educação superior. Rapidamente se deu conta Inácio da necessidade de aprender e ensinar.

Progressivamente, os jesuítas sentiram-se chamados para um “ministério das letras”, assumindo a tensão criativa de depender totalmente da graça divina e, ao mesmo tempo, servir-se de todos os meios humanos possíveis, tais como a ciência, a arte, a pesquisa e a vida intelectual.

17. Com suas luzes e suas sombras, a história da Companhia tem uma longa trajetória no trabalho intelectual realizado mediante a docência e a pesquisa. A esta tradição, no parecer de alguns, está-se dando menor valor. Vários documentos preparatórios para esta reunião solicitam uma tomada de posição mais arrojada e a adoção de uma política clara por parte da Companhia sobre o apostolado intelectual. Muitos decepcionaram-se com a CG 34, julgando que se escamoteou o tema do apostolado intelectual, limitando-se a CG a generalidades sobre a “dimensão intelectual do apostolado da Companhia”¹⁵.

18. Não são os documentos que irão fortalecer o trabalho intelectual. Não será demais, contudo, recordar que já a CG 31 (1965) destacou a importância desse apostolado, insistiu na necessidade de preparar pessoas competentes e solicitou facilidades para os que trabalham nas universidades da Companhia ou em outras universidades e instituições científicas que a ela não pertencem.

19. A CG 32 (1975), que pareceu a alguns significar um questionamento do apostolado universitário, em favor do ativismo social, na realidade insistiu no rigor científico da pesquisa social e na necessidade de dedicação ao estudo austero e profundo requerido para a compreensão dos problemas contemporâneos¹⁶. A CG 33 (1983) voltou a insistir na importância do apostolado social e na pesquisa, recomendando uma relação maior entre os campos intelectual, pastoral e social¹⁷. A tensão e o mal-estar duraram muitos anos, agravados por uma desafeição dos jovens em relação à educação. Hoje, esta situação, em geral, parece haver se revertido, embora a diminuição do recrutamento jesuítico e a idade dos jesuítas, em alguns países, constituam, a médio e longo prazo, um sério problema.

15. CG 34, d. 16.

16. CG 32, d. 4, nºs 35, 44.

17. CG 33, d. 1, nº 44.

20. Depois de minha alocução na Universidade de Santa Clara em outubro passado, espero ter deixado bem claro que não é legítimo fazer uma leitura truncada, parcial ou desequilibrada do decreto sobre fé e justiça. O tema deve enquadrar-se em uma visão compreensiva da missão da Companhia como a que propõe a CG 34 em seus decretos sobre a missão¹⁸. O caráter peculiar de uma universidade da Companhia é indicado pela missão: “a *diakonia* da fé e a promoção da justiça, como o modo caracteristicamente jesuítico de proceder e de servir socialmente”¹⁹.

21. Periodicamente, ondas de agudo intelectualismo e de rigoroso antiintelectualismo invadiram a Companhia desde seus primeiros dias e seguem reaparecendo em nossos tempos. Talvez, em nossos dias, a tentação de eficiência a curto prazo, a busca de resultados rápidos estejam ameaçando, mais que em outros tempos, o compromisso da Companhia com um trabalho intelectual profundo.

22. A qualidade do serviço apostólico prestado pela Companhia dependerá, em grande parte, de seu rigor acadêmico e do nível de sua investigação intelectual. Nem todos os jesuítas serão chamados a trabalhar no apostolado intelectual, mas são, por certo, chamados a um trabalho competente e intenso em qualquer campo apostólico, incluindo o pastoral e o social. A disponibilidade para prestar este tipo de serviço continua a ser um critério de vocação à Companhia²⁰. O trabalho, com frequência árduo e solitário, de um estudioso jesuíta já é para Inácio uma forma de apostolado²¹. É necessária, sem dúvida, uma vigorosa formação espiritual e intelectual de nossos jovens, como é igualmente necessária a formação permanente de todo jesuíta²².

18. CG 34, dd. 3, 4, 5.

19. KOLVENBACH, Peter-Hans, SJ, “O serviço da fé...”, cit.

20. Idem, “Alocução para a Congregação de Procuradores”, 3/9/1987, em *Seleção de palestras do P. Peter-Hans Kolvenbach*, Madri, Prov. Espanha, 1992, 198.

21. Const. [361].

22. CG 34, d. 16, n^o 3.

23. A Companhia, continua, pois, a considerar de capital importância na linha de sua missão o apostolado intelectual. Num mundo tão globalizado e, ao mesmo tempo, tão diversificado, não se deve esperar que a Companhia dite normas universalmente válidas para todos os contextos. O critério fundamental será sempre o do maior serviço divino e bem das almas, e o sábio princípio inaciano de “adequar-se aos lugares, aos tempos e às pessoas”²³. A cada província ou região corresponderá discernir qual o seu compromisso com o apostolado e os meios para levá-lo seriamente à prática.

2. Universidade e sociedade

A. Academia e sociedade

24. Ao referir-nos às quatro razões da primeira Companhia para assumir ativamente a responsabilidade de uma universidade, encontramos em segundo lugar o vínculo entre vida acadêmica e sociedade humana. Já é um estereótipo repetir que a universidade não é uma torre de marfim e que ela não é para si mesma, mas para a sociedade. Para além da teoria, o profundo sentido desta afirmação nos foi dado pelo testemunho de Ignacio de Ellacuría e seus companheiros, assassinados na UCA de El Salvador, que, com a sua vida, demonstraram a seriedade de seu compromisso e do compromisso de sua universidade com a sociedade. Poucos gestos causaram tanto impacto e prestaram-se a tanta reflexão em nossas universidades nestes últimos anos.

25. Não creio que nenhuma de nossas universidades corra hoje o perigo do isolamento acadêmico numa torre. O perigo pode estar em considerar que o ocorrido em uma longínqua universidade de um pequeno país fica alheio à própria universidade. É certo que a realidade circundante varia de um país para outro e de um continente para outro. Contudo, seja qual for o contexto, a universidade deve sentir-se interpelada pela sociedade e deve interpelar a sociedade. É uma interação desigual de mútuas influências. Os contextos local e global in-

23. Const. [455].

fluem na universidade, e a universidade é chamada a influir na sociedade, local e globalmente.

26. A ciência pura e a pesquisa seguem mantendo seu sentido, embora aparentemente nem sempre estejam vinculadas ao campo da prática. Segundo John Henry Newman, mais citado, talvez, que lido por muitos, aos 200 anos de seu nascimento, “o conhecimento tem a capacidade de ser um fim em si mesmo, [...] um fim no qual se pode encontrar repouso e que se persegue por si mesmo”²⁴. Não era este exatamente o modo de pensar de Inácio. O Cardeal Newman defendia o conhecimento por si mesmo, enquanto Inácio apontava a educação de futuros “doutores” como o escopo prático de uma universidade jesuíta. Porque, se bem que a educação superior, como instrumento e como meio, tenha um valor intrínseco, cabe sempre perguntar “para quem” e “para quê”²⁵. E a resposta a estas perguntas estará sempre estreitamente ligada ao bem comum e ao progresso da sociedade humana.

27. Não nos iludamos: o conhecimento não é neutro, já que implica sempre valores e uma determinada concepção do ser humano. A docência e a pesquisa não podem dar as costas à sociedade que as rodeia. A maneira como a primeira Companhia entrou em contato com o mundo da cultura foi precisamente por meio dos colégios. A universidade deve ser o lugar onde se ventilam questões fundamentais que tocam a pessoa e a comunidade humana no plano da economia, da política, da cultura, da ciência, da teologia, da busca de sentido. A universidade deve ser portadora de valores humanos e éticos, ser consciência crítica da sociedade, deve iluminar, com sua reflexão, a quantos enfrentam a problemática da sociedade moderna ou pós-moderna, deve ser o crisol onde se debatem, com profundidade, as diversas tendências do pensamento humano e se propõem soluções.

B. Universidade e globalização

28. É preciso ter sempre presente que, se Inácio deu o passo de comprometer-se com a educação superior, foi porque

24. NEWMAN, John Henry, *The idea of an University*, Discours V. 2.

25. CG 34, d. 17, n^o 6.

o bem que se podia por meio dela alcançar era mais “universal”. Voltando por um momento ao cardeal Newman, para ele a universidade abarca a universalidade do conhecimento, enquanto para Inácio uma universidade cumpre sua função de educar e de investigar de maneira mais universal. A originalidade da Companhia de Jesus, ao criar suas próprias universidades no século XVI, foi a de propor um novo modelo de educação superior em resposta às necessidades da nova cultura e da nova sociedade que então se gestavam. A universidade jesuítica surgiu como uma crítica em face de um modelo de universidade fechada em si mesma, herdeira das “escolas catedrais” e incapaz de encontrar respostas para os novos tempos. Embora reticentes a princípio, os jesuítas fizeram uma clara opção pelo humanismo cristão e, por meio da educação, contribuíram para a configuração da nova sociedade.

29. De maneira semelhante, a educação superior da Companhia é chamada em nossos dias a dar respostas criativas à radical mudança dos tempos que estamos vivendo. Inácio ficaria hoje fascinado ante o fenômeno da globalização, com todas as suas incríveis oportunidades e terríveis ameaças e não afastaria os desafios que ela contém. Às universidades compete um papel insubstituível na análise crítica da globalização, com suas conotações positivas e negativas, para orientar o pensamento e a ação da sociedade. Em linguagem inaciana, trata-se de um autêntico processo de discernimento para descobrir o que vem do bom espírito e o que vem do mau.

30. Logo à primeira vista descobrimos que não pode vir de Deus converter o mercado e o interesse econômico em motor único da sociedade. Os espantosos resultados da globalização econômica tal como está sendo implantada, à margem de toda ética, saltam à vista: desumanização, individualismo, egoísmo, fragmentação social, aumento da separação entre ricos e pobres, exclusão, falta de respeito aos direitos humanos, neocolonialismo econômico, exploração, danificação do ambiente, violência, frustração. Para não falar da “conexão perversa” com a globalização do crime: tráfico de seres humanos, de armas e drogas, exploração da mulher e do sexo, trabalho infantil, manipulação dos meios, máfias de todo o tipo, terro-

rismo, guerra, degradação do valor da vida. Como não pensar neste momento na África, paradigma de todos os rostos negativos que pode oferecer a globalização do mercado?

31. A universidade enquanto universidade tem de pronunciar sua própria palavra sobre estes temas que atingem aspectos fundamentais da pessoa e da sociedade. Sei dos esforços que estão fazendo nossas universidades, em função do próprio contexto, para enfrentar temas como as minorias étnicas, a pluralidade cultural, a diversidade, o diálogo inter-religioso, os migrantes, os refugiados, a injustiça, a pobreza, a exclusão, o desemprego, a crise da democracia. Não basta a denúncia: é necessário também o anúncio e a proposta. Comprometer-se neste campo como universidades é uma consequência do serviço que elas devem prestar à sociedade. E para as universidades da Companhia é, além disso, uma consequência da *visão* de Inácio na contemplação do Reino e da *missão* da Companhia de procurar o serviço da fé e a promoção da justiça.

32. Ainda que estreitamente associada aos processos econômicos, é preciso reconhecer que a globalização abarca também outras dimensões que oferecem possibilidades únicas para a construção de um mundo mais fraterno e solidário. Nunca como agora se fizeram presentes tantas oportunidades de comunicação, de integração, de interdependência e de unidade do gênero humano. A crescente tomada de consciência das dimensões do fenômeno da globalização, a tensão entre o global e o local, a emergência da sociedade civil, as forças de resistência de tipo diverso que entraram em cena — como o *Seattle people* —, constituem oportunidades e ameaças que a universidade não pode deixar ao largo.

33. Às universidades compete exercer um papel orientador, constituindo-se em pontos de convergência e de encontro das diversas correntes, contribuindo com seu pensamento para o estudo profundo e a busca de soluções para uma problemática candente. Nas palavras de João Paulo II, é necessário contribuir para a “globalização da solidariedade”²⁶. A “pessoa comple-

26. JOÃO PAULO II, *Discours au comité administratif de coordination de l'ONU et aux dirigeants du FMI et de la BM*, 7/4/2000.

ta”, ideal da educação jesuítica durante mais de quatro séculos, será, no futuro, uma pessoa competente, consciente, capaz de compaixão e “bem-educada na solidariedade”²⁷.

34. Inácio tinha uma visão claramente global do mundo. Embora quisesse que os jesuítas se adaptassem ao lugar geográfico onde trabalhavam e que aprendessem a língua e a cultura do lugar (“inculturação”, diríamos hoje), queria que estivessem disponíveis para “dirigir-se a qualquer parte do mundo e nela viver”²⁸, sempre abertos ao MAGIS. Dessa maneira viveu ele a tensão entre o local e o global, pensando em âmbito global, mas atuando em âmbito local.

C. Academia e mercado

35. Uma última palavra sobre a universidade e a economia de mercado. Queiramos ou não, a academia não pode esquivar-se das forças do mercado. As limitações financeiras que experimentam as universidades não subsidiadas com fundos públicos levam-nas a depender das crescentes contribuições de seus estudantes e a recorrer a diversos meios de arrecadação de fundos para assegurar a renda necessária a seu funcionamento. Inácio conheceu um pouco disso. Preocupado continuamente com as fundações e sempre agradecido aos fundadores, em 1551 abriu as portas do Colégio Romano com a qualificação de “gratuito”. Apesar dos esforços para arrecadar fundos que permitam ajudar a quem tenha menos recursos, o perigo de elitismo é uma realidade.

36. Não é simples ficção pensar em uma universidade que necessita reestruturar seus cursos e oferecer suas faculdades de acordo com a demanda do mercado e que acaba por ceder às pressões de seus clientes, em uma sociedade cada vez mais competitiva. Não nos enganemos: quantos de nossos estudantes procuram nossas universidades simplesmente em busca da excelência que oferecemos e de uma capacitação que lhes permita conseguir um bom posto de trabalho e melhorar seus currícu-

27. KOLVENBACH, Peter-Hans, SJ, “O serviço da fé...”, cit.

28. Const. [304].

los? Alguns podem passar anos em nossas instituições de educação superior sem inteirar-se sequer de que se trata de uma instituição católica dirigida pela Companhia de Jesus.

37. Os custos crescentes da educação e a tendência à privatização implicam uma progressiva dependência de subsídios financeiros que podem chegar a converter-se em uma pesada hipoteca social. Pode muito bem acontecer que nem todos os patronos ou membros dos conselhos de governo sejam sempre desinteressados, nem se identifiquem necessariamente com as declarações da missão e com a orientação da universidade. A própria autonomia da universidade e a liberdade de pesquisa e docência estão em jogo. A instituição acabará por moderar o tom de sua voz ou terá de renunciar a falar sobre certos assuntos. Há faculdades que “se vendem” e outras que “não se vendem”, em função de soluções econômicas ou de interesses da indústria, do comércio, do turismo; há profissões rentáveis e outras que não o são; há dinheiro para algumas escolas, faculdades, laboratórios, pesquisas, teses, enquanto não há para outros. A qualidade dos docentes que podem ser contratados e sua permanência na instituição está condicionada também, em grande parte, por fatores econômicos e pela concorrência de outras instituições.

38. O desafio não pode ser maior. É necessário manter a todo o custo a última razão de ser da universidade como centro de integração do saber que se propõe à busca não da “verdade restrita”, mas da “verdade total” da qual falava Newman²⁹, com uma “exata visão e compreensão de todas as coisas”³⁰. É necessário discernir e fazer uma opção sobre o tipo de maior serviço que pretendemos prestar, com nossas universidades, à Igreja e à sociedade. Mais que o conhecimento e a ciência, é a *sabedoria* o que nossas academias devem oferecer. “Não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear as coisas internamente.”³¹ A marca inaciana é que pode e deve fazer a diferença.

29. NEWMAN, John Henry, op. cit., Discours IV, 12.

30. Idem, ibidem, Discours VI, 6.

31. EE 2.

3. Colaboração jesuítas-leigos

A. *Uma mudança de atitude*

39. As poucas referências das Constituições acerca da participação dos leigos no processo educativo não são muito alentadoras para um leitor moderno. O cargo especialmente confiado aos leigos é nada menos que o do *corrector*, isto é, da pessoa “que causa medo e castiga” os que mereçam punição. Inácio e os jesuítas tinham escrúpulos em aplicar, com as próprias mãos, castigos físicos nos estudantes, segundo os costumes da época. A engenhosa solução consistiu em entregar os culpados ao braço secular, contratando para isso um leigo especializado em ministrar a sova correspondente. Supõe-se que “terão muito que fazer”, pelo que “serão bem pagos”³². (Prescrições semelhantes na *Ratio Studiorum*.) Os tempos mudaram e hoje a Companhia conta com os leigos e leigas para ministérios mais nobres.

40. Devemos reconhecer que, de fato, foi a diminuição do número de jesuítas que nos levou a voltar nossos olhos para o laicato bem como a desenvolver uma reflexão teológica e uma prática de colaboração jesuítas-leigos. Os números falam por si mesmos: calcula-se que, na educação da Companhia, a proporção é de 95% de leigos para 5% de jesuítas. Simplesmente por realismo e em virtude do princípio inaciano da acomodação às pessoas e aos tempos, a Companhia considera hoje o “companheirismo com outros” uma das características de nosso modo de proceder³³.

41. A mudança de atitude ocorreu há apenas seis anos, com os decretos da CG sobre “A colaboração com os leigos na missão” e sobre “A Companhia e a situação da mulher na Igreja e na sociedade”³⁴. Ambos os documentos, quando vindos a lume, foram considerados inovadores, embora, talvez, nossa prática não corresponda sempre, e em todas as partes, ao ideal a que nos propusemos.

32. Const. [397, 488, 500].

33. CG 34, d. 26, n^o 15.

34. CG 34, dd. 13 e 14.

B. A prática da colaboração

42. Da parte dos jesuítas, observa-se, às vezes, certa vacilação e dúvida, quando não recusa à colaboração com o laicato. Da parte dos leigos, constata-se desejo de maior informação e de maior formação. Alegro-me saber dos esforços que a educação superior da Companhia está fazendo para explorar este novo terreno. Nos últimos anos, produziram-se inegáveis avanços, mas na aventura que empreendemos juntos, jesuítas e leigos, resta ainda muito caminho a percorrer. Uma reunião como esta é uma boa oportunidade para compartilhar êxitos e deficiências e seguir avançando juntos no mesmo caminho.

43. Não repetirei o que já existe nos documentos oficiais e o que os senhores mesmos expuseram em seus relatórios. Quero somente destacar alguns aspectos que considero grandes desafios para nossa educação superior. Agrade-nos ou não, nesse assunto está em jogo, a curto prazo, a identidade da educação superior da Companhia, especialmente no Ocidente e nos países industrializados. O problema da “geração seguinte” não é imaginário. À medida que a presença física dos jesuítas vai se atenuando, o *ethos* da instituição, sua “cultura” inaciana, católica, cristã pode desaparecer também, se atende à preparação da geração responsável pela mudança. Esta responsabilidade recai, antes de tudo, sobre os próprios jesuítas. Preparar na visão e na missão compartilhada entre jesuítas e colaboradores é uma prioridade em nossa educação superior. (Estou consciente das conotações negativas que pode ter, em alguns países, a palavra “missão”. Em tal caso, devem ser feitas as adaptações necessárias.)

44. Existem diferentes níveis de colaboração, de acordo com a vocação e o grau de compromisso de cada pessoa (humano, profissional, cristão). Colaboração não significa sempre compromisso com a missão. Temos o direito de pressupor que os jesuítas se identificam com sua missão, mas não podemos ter como certo que todos os leigos se identificam com a missão dos jesuítas. Os leigos não são chamados a ser minijesuítas, mas a viver sua própria vocação laical. Respeitar o modo como o Senhor conduz cada pessoa é fundamental na espiritualidade

inaciana. Não obstante, o colaborador de uma instituição de educação superior da Companhia deve, de algum modo, identificar-se com a missão institucional.

45. Por outro lado, seria odioso catalogar e discriminar o pessoal de acordo com seu suposto nível de compromisso com a missão. Na missão da Companhia, como na casa do Senhor, há muitas moradas. Para Inácio, não há erro pior na vida espiritual que querer levar a todos pelo mesmo caminho. A missão de uma instituição de educação superior da Companhia — tal qual a fé — não se impõe, propõe-se. Numa “interface” de mútuo respeito e sinceridade, os colaboradores são convidados a partilhar essa missão e torná-la própria em níveis distintos.

46. O grau de companheirismo na missão e na identidade dependerá da dinâmica da instituição e das opções que cada pessoa venha a assumir. Há limites mínimos de compromisso que, por honestidade e coerência, devem ser respeitados. O único limite máximo provém da capacidade de resposta de um ser humano ao chamamento de Deus. Estamos tocando o MAGIS inaciano, o “tudo” — outra palavra também muito inaciana — que abarca a totalidade da pessoa humana. *Em tudo amar e servir*. Quero apenas destacar algumas práticas que, sem dúvida, estão ajudando a partilhar a missão e a aprofundar a identidade:

47. a) Os cursos de orientação ou imersão para os novos professores e diretores, visando a compartilhar o “modo de proceder” de nossa educação. Pode acontecer que nem todos os leigos se comprometam inteiramente com a missão da Companhia na obra. Ela, porém, espera de todos, também das pessoas de outras confissões religiosas, que conheçam e aceitem os valores da espiritualidade inaciana e a missão apostólica que anima a obra³⁵.

48. b) Os programas de formação permanente, tanto para leigos como para jesuítas. O objetivo é formar uma equi-

35. *Orientações para as relações entre o Superior e o Diretor de Obra*, Roma, Cúria S.J., 1998, n. 16

pe apostólica de jesuítas e colaboradores, com o fim de realizar a identidade jesuítica e a missão da obra³⁶. Esta seria a forma de ir criando a indispensável “massa crítica” — como se costuma dizer atualmente — para assegurar a identidade da instituição.

49. *c)* A prioridade dada à identidade e à missão na contratação de pessoal. O tema “contratação em função da missão” é delicado e pode converter-se em uma velada forma de *apartheid*. Uma universidade não pode discriminar seu pessoal, mas — sempre que seja possível — tem o direito de escolher homens e mulheres capazes de partilhar sua identidade. Outras empresas não- confessionais sabem fazê-lo muito bem para seus próprios fins.

50. *d)* A oferta dos Exercícios Espirituais a nosso pessoal em suas diversas modalidades, particularmente pela prática dos Exercícios na vida diária.

51. *e)* Por último, o papel determinante que compete aos jesuítas. À medida que as responsabilidades se dividem cada vez mais ou se transferem a colaboradores não-jesuítas, os jesuítas, seja como comunidade, seja como indivíduos, devem encontrar formas de seguir presentes, exercendo já não o poder, mas sua influência na instituição.

O tema da colaboração jesuítas-leigos está muito distante de esgotar-se.

4. Cooperação Internacional

52. Por definição, é da natureza da universidade o caráter universal e a possibilidade de intercâmbios em todas as instâncias. Entretanto, devemos admitir que as universidades, incluídas as da Companhia, são sumamente zelosas de sua autonomia e de sua independência e se prestam mais facilmente a diversas formas de intercâmbio científico que a formas concretas de cooperação conjunta. Não obstante, a necessidade de coordenação, talvez mais que a preocupação com o universal, levou

36. Ibidem.

a educação superior da Companhia a unir-se de diversas maneiras, como o demonstram as associações regionais aqui representadas. Compraz-me saber que a Europa, única região que até agora não tinha uma instância de coordenação comum, está buscando também uma forma de associação que inclua o Oriente Próximo e a África. Estas associações se limitam, em geral, a prestar serviços a seus associados e têm as atribuições que eles lhes outorgam, mas são absolutamente indispensáveis se queremos que a Companhia atue como um corpo.

53. Existem vários outros grupos e plataformas de encontro científico daqueles que trabalham na educação superior da Companhia: por disciplinas, especialidades ou interesses: teologia, filosofia, espiritualidade, ciências sociais, ciências exatas, comunicação, centros de pesquisa, revistas e, sem dúvida, outros mais. Todos eles cumprem seu papel no serviço apostólico universal da Companhia. Por sua vocação universal, e em tempos de mundialização, a Companhia apóia a criação destas redes nacionais e internacionais. A educação superior da Companhia poderá fazer frente a problemas globais comuns por meio da mútua ajuda, da informação, do planejamento e da avaliação partilhados ou do desenvolvimento de projetos que superam a capacidade de cada instituição individualmente. Obviamente, as instituições de educação superior participam de outras redes que não pertencem à Companhia, mas isso não supre a necessidade de coordenação e cooperação das instituições da Companhia entre si.

54. Existem em curso experiências bem-sucedidas de cooperação internacional na Companhia que podem servir de inspiração. Permitam-me mencionar o Programa MBA, em Beijing, a cargo da AJCU, e a união que permitiu a criação do The Beijing Center for Language and Culture; a colaboração de várias universidades da AJCU-EAO na preparação de professores do Camboja e a reconstrução da Universidade do Timor Leste; a coordenação entre AJCU e AUSJAL e os intercâmbios de universidades da América Latina com universidades da Espanha e dos Estados Unidos; os programas de educação a distância com suas grandes possibilidades de intercâmbio mútuo.

55. Embora cada universidade tenha uma responsabilidade particular em um lugar concreto e limitado da vinha do Senhor, é o *MAGIS* inaciano e o “mais universal” que nos estimulam a não nos encerrar nesta particularidade, mas a abrir-nos para um maior serviço na vinha do Senhor.

56. Se consideramos, em profundidade, a dimensão internacional da Companhia, é evidente que poderíamos fazer muito mais, além de nossas fronteiras, por meio da cooperação e não da competição. Isso vale, principalmente, para os países em desenvolvimento. Penso nos esforços conjuntos que, com o decorrer do tempo, poderiam ser empreendidos no Vietnã, no Laos, no Timor Leste, no Camboja, assim como nos países em desenvolvimento de todo o mundo. Penso, também, nas mostras de colaboração fraterna e nos gestos concretos de solidariedade que podem surgir de uma reunião como esta, entre jesuítas e leigos de diversos continentes. O importante é colaborar juntos pelo bem de nossos irmãos e irmãs de todo o mundo, tratando de dar um rosto humano ao processo de globalização.

Conclusão

57. Em 1551, abria suas portas o Colégio Romano, figura emblemática do que seria a aventura da Companhia no terreno universitário. Ao final de quatro séculos e meio, a Companhia segue intensamente dedicada ao trabalho da educação superior, com um sem-número de universidades e outras instituições por todo o mundo. Os tempos em que vivemos são completamente diferentes daqueles em que viveu Inácio de Loyola. Mas *a ajuda às almas, a maior glória de Deus e o bem universal* seguem sendo o motivo fundamental do compromisso da Companhia com a educação. O *porquê* e o *para quê* de nossas universidades, o sentido profundo do trabalho que jesuítas e leigos nelas cumprem e a razão da presença de todos os senhores aqui estão ancorados nesta visão de Inácio.

58. Que a fidelidade ao carisma fundacional de Inácio de Loyola inspire a todos os senhores para tornar realidade, em suas instituições, o maior serviço divino e a ajuda aos homens e mulheres de nosso século.

